

Saúde em Cuba e na Nicarágua

Trata-se de duas realidades diferentes, embora haja processos econômico-sociais semelhantes em ambos os países. Mas enquanto o indicador de mortalidade infantil cubano gira em torno de 13, o da Nicarágua, que era de 140 em 1979, hoje é de 82 por mil nascidos vivos. É bom lembrar, para efeito comparativo, que o dos EUA é 12, da França, 9, do Brasil 75.

Cuba e Nicarágua já erradicaram a poliomielite e o latifúndio, aplicando ambos os países cerca de 40% do seu orçamento em educação e saúde, propiciando serviços gratuitos e de boa qualidade para seus povos, e orientando com prioridade uma política agrícola que, com desenvolvimento firme da reforma agrária, hoje resulta em incrementos formidáveis (474% em 6 anos na Nicarágua) da produção de alimentos.

Ambos os países implantam, com eficiência reconhecida pela Unicef e pela OMS, sistemas nacionais unificados de saúde que, sem alijar coercitivamente a iniciativa particular no setor, reflete-se na existência de amplas redes de serviços de saúde, notadamente no meio rural, contando com um número crescente de profissionais dotados de elevado grau de consciência social das

suas funções. Na Nicarágua ainda os serviços de saúde contam, para seu efetivo-funcionamento, com uma quantidade expressiva de técnicos voluntários estrangeiros que, através das Brigadas Internacionalistas de 33 países inclusive uma brasileira, contribuem para diminuir a carência de mão-de-obra especializada. Afinal de contas, a ditadura de Somoza não só relegou a educação a plano secundário durante 45 anos, como acarretou a morte de boa parte da juventude do país além de seus remanescentes estarem hoje, obrigando o Governo Sandinista a deslocar para as fronteiras parcela importante de jovens para defender a soberania da pátria.

Cuba, por outro lado, já eliminou a difteria, otétano neonatal, a malária, o sarampo e a tuberculose. Hoje, as causas mais importantes de mortalidade infantil são os acidentes, os tumores malignos e as anomalias congênitas. Ou seja, as prioridades dos planos de saúde cubanos na década de 80 voltam-se para as chamadas "doenças da Civilização", como o sedentarismo, a obesidade, a prevenção de acidentes, as dietas de baixo conteúdo em fibras e a detecção precoce do câncer. O siste-

ma de saúde cubano hoje aprimora-se com o desenvolvimento da engenharia genética, de centros de cirurgia cardiovascular, de unidade de nefrologia, de uma rede planificada de tomografia computadorizada, de equipamentos de ressonância magnética nuclear e do uso do ultrassom e do raio laser. Do ponto de vista de recursos humanos, além de possuir um dos melhores indicadores médico/habitante (1 para cada 450), mantém cerca de 2 mil profissionais de saúde em 25 países e forma cerca de 1.800 médicos oriundos de 75 países.

Enquanto isso, no Brasil da Nova República morrem, por ano 225 mil crianças antes de completar um ano de vida, vítimas da desnutrição, de doenças infecciosas e parasitárias, preveníveis por vacinação, saneamento básico e por um sistema social mais justo. Ou seja, no Brasil, morrem por ano, exatamente 185 mil crianças a mais, caso o país ostentasse uma taxa de mortalidade infantil próxima dos 13 e não dos atuais 75. Porque eles podem e nós não?!